

DIA DOS MORTOS NO MÉXICO: COMEMORAÇÃO, COMENSALIDADE E ESPETACULARIZAÇÃO

Ricardo Frugoli

Mirian Rejowski

Leila Cobuci

Creo que se puede afirmar que en el desarrollo reciente, cada vez más reciente del turismo, está jugando un papel más y más importante la historia de los hombres.

Joaquín Bosque Morel

Palavras-chave: Comemoração do Dia dos Mortos no México; Turismo Cultural; Festas Populares; Cidade do México; Comensalidade.

A partir do movimento turístico que promove, estimula e democratiza a viagem, o homem moderno se abre para o mundo, conhece novos lugares, se depara com costumes e modos de vida – descobre a diferença, descobre o “outro”.

Viver no mundo contemporâneo é participar de uma realidade ampla, complexa e abrangente. Vitule (2003, p. 106) diz que “o mundo contemporâneo é o cenário de transformações substantivas que modificam a qualidade e a quantidade das relações sociais de forma rápida e intensa”. Embora se questione os impactos ocasionados pela intensidade dessas transformações, elas ampliam o horizonte do homem moderno e dinamizam as relações sociais por propiciar uma interação entre indivíduos, comunidades e regiões diferentes.

Isso significa defrontar com novas maneiras de agir, novas manifestações culturais que pedem uma compreensão mais aprofundada. Santos (2001, p.199) afirma que “numa viagem, a capacidade de perceber a si mesmo e de perceber o outro é estimulada, na medida em que se entra em contato com o diferente, com o não familiar”. Essa é uma forte razão que autoriza Pinheiros (2003, p. 3) afirmar que:

O turismo é um dos fenômenos mais importantes produzidos pelo homem no decorrer da história, pois, necessariamente, o turismo cria oportunidades

de contato entre diferentes povos e culturas, possibilita a experiência de várias situações e facilita a passagem por muitos ambientes, permitindo, com isso, a observação de diversas paisagens.

Evidentemente, essa ampliação e diversificação de experiências oferece elementos para o confronto com a pluralidade cultural e dá elementos para uma maior compreensão do homem e de suas relações sociais.

Dentre a crescente diversificação do turismo, a modalidade que promove e valoriza a história, a cultura das destinações alvo é uma das mais significativas para o enriquecimento da sociabilidade decorrente da prática turística. Para Vitule (2003, p.12) “em toda destinação turística há um universo peculiar de marcas da história e da cultura que nem sempre está nas páginas dos livros mas sim no imaginário e no cotidiano dos moradores”. Assim, no processo de expansão da prática do turismo observa-se um interesse crescente em não só vivenciar as produções culturais populares tradicionais mas, também, participar delas.

Com essa perspectiva, pretendeu-se observar as festividades que envolvem as comemorações do Dia dos Mortos no México, uma vez que a peculiaridade dessas festas, a exuberância de suas manifestações, atraem turistas nacionais e do exterior interessados em vivências culturais.

Para compreender melhor essa temática, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, mediante as seguintes estratégias metodológicas: a) levantamento e análise da bibliografia sobre as festas enquanto atração turística e sobre o dia dos Mortos no México; b) observação participante das festividades desse dia na cidade do México e cidades próximas no período de 29 de outubro a 3 de novembro de 2014; c) entrevistas abertas com residentes mexicanos, turistas e organizadores. Os dados foram registrados em cadernetas de anotação e momentos festivos foram registrados em fotos e vídeos.

1. TURISMO VERSUS CULTURA

O turismo é uma atividade presente em todas as sociedades contemporâneas, proporciona a interação de membros de uma comunidade com indivíduos pertencentes a outras sociedades. Nesses contatos são compartilhados gostos, tradições, crenças ou valores, costumes, ou seja, o contato com a cultura dessas sociedades (PAULA MENEZES).

A cultura se produz dentro de uma relação histórica e representa o conjunto da produção humana e de suas formas de organização, e isso inclui, principalmente, valores compartilhados que dão sentido ao grupo e conferem identidade a seus membros.

Biologicamente o homem nasce, de certa forma, inacabado, pois é na cultura que ele aprende, a começar pela linguagem, como viver e sobreviver em sociedade. Herskovits (1973) afirma que a cultura apresenta três paradoxos na vida dos indivíduos. Primeiramente a cultura é universal na medida em que todos os homens são orientados pela cultura – todo grupo humano, por mais simples que seja, tem seus padrões de vida e seus valores, mas, ao mesmo tempo, cada comunidade é única no seu modo de ser, de pensar, agir e mesmo de sentir. O segundo paradoxo diz respeito ao fato dela ser estável uma vez que garante a identidade do grupo e, ao mesmo tempo, é dinâmica em constante e contínua mudança. O terceiro paradoxo é muito interessante, pois, segundo ele, a cultura preenche e orienta amplamente o curso de nossas vidas e, ao mesmo tempo, raramente temos consciência ou conhecimento dessa influência.

No encontro cultural proporcionado pelo turismo prevalece o diferente, o estranho, o único. Isso nos lembra Ferrara (1996, p. 19) que afirma:

“[...] o deslocar-se tem um caráter existencial e psicanalítico: à luz do que é estranho e diverso, reinterpreta-se o sujeito que se autodescobre no confronto com o outro, porque lhe permite traçar o limite e encontrar a diferença entre o que é interno e o que é externo, ou seja, o que sobra ou é próprio do outro é, exatamente, a dimensão que falta no sujeito.”

Assim, pode se entender a viagem, o turismo cultural com uma atividade, como uma estratégia de auto conhecimento na medida em que o outro se apresenta em oposição ao ‘eu’. Volto a Ferrara (1996, p.15) que vê esse aspecto com muita clareza quando diz que “operar com a cultura supõe, necessariamente, resgatar, por meio da leitura semiótica, as representações, os signos que mediatizam valores e visões de mundo e, por meio delas produzir a compreensão da manifestação cultural”.

Considerando a pluralidade cultural, a viagem sempre permite uma ampliação dos horizontes, das vivências que favorecem uma compreensão mais

ampla dos elementos significativos dos bens materiais e imateriais da cultura. Concordamos com Pinheiros (2013, p.6) quando afirma que “nenhum tipo de turismo prescinde de atrativos histórico-culturais, pois, qualquer que seja o motivo da viagem, vivencia-se elementos da história e da cultura da comunidade receptora, tanto na forma direta quanto indireta”. No entanto, segundo ela, ao valorizar os traços culturais de um destino, o turismo é ainda mais importante para a comunidade, pois, além de preservar e valorizar aspectos de sua cultura, essa atividade amplia a autoestima dos participantes além de melhorar a qualidade de vida dos moradores. Banducci & Barreto (2001, p.19) compartilham dessa opinião, pois, segundo eles, “o contato entre turistas e residentes [...] provoca o fortalecimento da identidade e da cultura dos indivíduos e da sociedade receptora e, muitas vezes o fortalecimento do próprio turista que, na alteridade se descobre”.

Na introdução do livro ‘Turismo e experiência’, organizado por Panosso e Gaeta (2010, p.43), eles apontam para um aspecto muito interessante:

“Para Jensen, a evolução da sociedade pode ser descrita simplificada, pelas seguintes etapas: sociedade agrícola; sociedade industrial; sociedade informação; sociedade dos sonhos. Nesta última etapa, ele defende que as necessidades materiais continuam sendo consideradas, mas abrem espaço para o interesse cada vez maior para o lado emocional da humanidade.”

Segundo eles, isso é uma evolução que vai orientar a prática turística para atender às expectativas do novo perfil do turista, para quem o prazer deverá estar associado às “experiências ímpares a serem vivenciadas”.

Observa-se, portanto, que o turismo incessantemente redireciona sua trajetória. As questões econômicas, sociais, culturais e ambientais estão integradas no seu desenvolvimento ganhando sempre novos caminhos, novos desafios.

Esse movimento dá lastro para um compartilhamento que no dizer de Vitule (2003, p.21) tem um duplo significado, “um movimento de deslocamento no espaço, que tem como objetivo conhecer novos lugares, mas, também, um movimento interior – realizado a partir de um esforço intelectual e emocional por parte do viajante, que faz com que ele saia de si mesmo”.

De certa forma o turismo pode determinar alterações em algumas manifestações, que podem comprometer os aspectos tradicionais de expressões

culturais, mas o que se verifica, em muitos casos, é o reforço da identidade na qual a etnicidade é reafirmada juntamente com o registro de sua memória cultural.

Num mundo cada vez mais homogeneizado pela globalização e pela pressão dos meios de comunicação Meneses (1995, p.92) fala em direito à cultura como equivalente ao direito à diferença. Assim, diz ele, “se o turismo respeitar essa dimensão plural da cultura poderá ser fonte fecunda de renovação; caso contrário, apenas facilitará, mascarando-a, a pasteurização exigida pelo mercado”.

Ao respeitar as tradições, o turismo pode ser um agente revitalizador da memória cultural por incentivar a manutenção dessas tradições sempre ameaçadas pela modernidade. Além disso, se observa que a presença do turismo, em muitos casos, permite uma interação entre a comunidade com indivíduos pertencentes a outras sociedades. Para Menezes (2011, p.107) “nesses contatos são compartilhados gostos, tradições, crenças ou valores e costumes, ou seja, o contato com a cultura da sociedade”. Assim pode-se observar padrões culturais mediados por um processo de reinvenção, de reelaboração, mas também de conservação da tradição.

O que Ecléa Bosi (1972, p.65) diz a respeito do folclore é igualmente verdade para essas tradições culturais. Diz ela que “uma educação que orienta e revigora comportamentos, faz participar de crenças e valores, perpetua o universo simbólico”.

Nos encontros e confrontos culturais decorrentes da movimentação turística as diferenças ficam visíveis e os aspectos étnicos, bem como o registro da memória de um grupo é reafirmado juntamente com suas produções culturais.

Essas tradições normalmente oferecem amparo cultural e emocional à população e, com a entrada do turismo, elas começam a ganhar a dimensão de ‘espetáculo’, que pode provocar um redirecionamento dessas manifestações. De maneira geral, a espetacularização das tradições é um aspecto decorrente do processo de expansão do turismo. Embora o fenômeno em si possa ser questionável, em muitas dessas manifestações o fenômeno turístico pode representar uma revitalização e a manutenção dessas tradições.

Entre todas as modalidades de manifestações culturais, a festa tem um poder de atração turística indiscutível. A leveza, o compartilhamento, a alegria, a

vivência do imaginário são emoções compartilhadas e favorecem a interação entre os turistas e a comunidade. Villadary (1968) diz que a festa promove agrupamentos, une grupos de pessoas cotidianamente separadas e distantes por diferentes obrigações e, dessa maneira, trata-se de uma ocasião de convivialidade excepcional.

Claval (2011,p.32) diz que “a ascensão de novos meios de comunicação dá uma nova chance às tradições populares que o progresso parece condenar”. Ao ter maior visibilidade e maior poder de atração devido aos meios de comunicação, as manifestações culturais festivas encontram um novo vigor para integrar as tradições e um forte apelo turístico, pois, segundo Meneses (1996, p.93), “o valor cultural não está nas coisas mas é produzido no jogo concreto das relações sociais”.

Por interromper e transcender a vida cotidiana e instaurar uma atmosfera de alegria e descontração, a festa é vivida pela comunidade e pelo turista como um momento de vida intensa num espaço ampliado e transfigurado que se abre para o imaginário no qual as pessoas se juntam e estreitam os laços de sociabilidade.

Com essa perspectiva observamos as festividades que envolvem as comemorações do Dia dos Mortos na cidade do México.

2. OS MEXICANOS E O DIA DOS MORTOS

O mexicano é assumidamente mexicano, sobretudo nas manifestações culturais, há um prazer em valorizar sua identidade. Eles querem ser e parecer mexicanos (SÉRGIO FLORÊNCIO).

A celebração do ‘Dia de los Muertos’ revela um comportamento singular dos mexicanos e a peculiar relação que eles têm com a morte por resultar em manifestações alegres e festivas. Viturle (2003, p.41) adverte que “as manifestações culturais não podem ser consideradas isoladamente, pois dizem respeito a processos sociais mais amplos”. Assim sendo, as festividades mexicanas para o Dia dos Mortos só adquirem sentido no contexto histórico de suas crenças.

O texto da contra-capá do livro ‘México’, de S. Florêncio (2014), chama a atenção para a complexidade do verdadeiro México. O México que vai além da famosa culinária, das praias e sombreros, mas um México que “historicamente

guarda o esplendor das civilizações mesoamericanas, a complicada herança da conquista espanhola e o vigor da revolução mexicana”.

Florêncio (2014) e Paz (1984) falam do orgulho que o mexicano tem de seu país, de seu passado, da exuberância de seus monumentos, com muitos sítios considerados Patrimônio Cultural da Humanidade, seus ídolos revolucionários (Pancho Villa, Zapata) e das construções que guardam o esplendor das culturas pré-colombianas.

O mexicano manifesta sua exuberância nas festas repletas de cores, música – a despesa não utilitária, é a compra da alegria. Paz (1984, p. 5) diz:

“Em poucos lugares do mundo se pode viver um espetáculo parecido com as grandes festas religiosas do México, com suas cores violentas, amargas e puras, suas danças, cerimônias, fogos de artifício, trajes insólitos e a inesgotável cascata de surpresas dos frutos, doces e objetos que se vendem nesses dias nas praças e nos mercados.”

Para Octávio Paz, ilustre e consagrado escritor mexicano, a festa descreve a natureza fechada, secreta e contida do mexicano mas que se abre, reinverte a ordem e explode nas manifestações festivas. Diz ele (1984, p. 13) “se na vida diária nos ocultamos de nós mesmos, no redemoinho da ‘fiesta’ nos deparamos – mais que nos abrir, nos desgarramos”. Diz, também, que a festa para o mexicano é “um banho de caos que purifica o grupo e faz cada mexicano comungar com seus semelhantes”. E em seu depoimento revela que na alma do mexicano qualquer motivo é ocasião para reunir-se – qualquer pretexto é bom para interromper a marcha do tempo e celebrar com festejos e cerimônias, homens e acontecimentos. Somos um povo ritualístico, diz ele.

A fascinação dos mexicanos pelas ‘fiestas’ públicas se confirma no culto e nas celebrações do Dia dos Mortos que é uma das suas expressões mais significativas e mais representativas de sua crença e seu sentimento diante da morte.

FOTO 1: Homenagem ao escritor Octavio Paz durante as homenagens ao Dia dos Mortos 2014 no Zócalo, Praça Principal, Cidade do México



Foto: Ricardo Frugoli.

As explosões festivas contrastam com o seu fatalismo diante da vida – atitude que Florêncio (2014) diz estar tão presente nas populações indígenas do México e que Paz (1984) confirma ao descrever a alma mexicana. Florêncio (2014) atribui esse fatalismo à convivência íntima com os abalos sísmicos que, segundo ele, impregnou a alma do povo. Seus ancestrais homenageavam divindades com poderes para controlar a natureza.

No entanto, eles não cultivavam a ideia da morte como um mundo de trevas mas, de acordo com Florêncio (2014), acreditavam que podia ser uma fonte de iluminação da vida. E o incrível, diz ele, é que a morte pode ser inspiração para o humor, para a brincadeira, para a diversão, como ocorre nas festas, com música estridente e dança animada.

Para o mexicano o dia dos mortos é o único dia em que os mortos voltam para visitar os vivos e reencontrar os seus familiares. E os mexicanos se preparam intensamente para recebê-los de forma alegre e festiva. A ocasião exige grandes preparativos. É uma tradição que antecede a chegada dos espanhóis, pois os indígenas já celebravam o Dia dos Mortos e, segundo Florêncio (2014, p. 25), “é muito provável que esse comportamento com relação à morte, tão exótico para nós

brasileiros, tenha suas raízes nas suas origens indígenas”, pois a cultura asteca aceitava a ideia da vida após a morte com naturalidade. Tomavam como exemplo a natureza na sua sucessão dia e noite em que o sol morre no fim da tarde, mas surge no dia seguinte uma ‘nova vida’, e a trajetória das estações do ano que também morrem em sequência para dar lugar a ‘outra vida’. Assim, diz ele (p. 25) para os mexicanos “a morte nada tem de eterno, é antes um momento efêmero que abre caminho para uma nova fase de um ciclo infinito”.

Conseqüentemente, as comemorações desse dia refletem a naturalidade, o fatalismo e o otimismo ao mesmo tempo. Florêncio (2014) vê na popularidade do escultor Guadalupe Posada o reflexo dessa postura mexicana. A partir de sua famosa série de esculturas ‘La cavera Catrina’, que representa o esqueleto de uma mulher elegante, vestida sensualmente com um decote profundo que ressalta as costelas e usando um chapéu florido, foram feitas reproduções que estão por toda parte na proximidade do Dia dos Mortos.

FOTO 2: Representação da Catrina durante as homenagens ao Dia dos Mortos 2014



Foto: Ricardo Frugoli.

Paz (1984, p.20) confirma essa atitude mexicana tão singular dizendo que “para o habitante de Nova York, Paris ou Londres a morte é a palavra que jamais se

pronuncia porque queima os lábios. O mexicano, ao contrário, frequenta a morte, a engana, a acaricia, dorme com ela, a festeja, é um dos seus brinquedos favoritos e seu amor mais permanente”.

Para o mexicano o dia dos Mortos é o único dia em que os mortos retornam à terra. Então as famílias se preparam para recebê-los, cozinhando seus pratos favoritos e outros preparativos para guiá-los em seu caminho de volta. Para isso são feitos arcos de flores que simbolizam a porta da casa e, também, sinal de boas vindas. Num bairro de periferia vimos que em várias casas havia fogueiras nas portas e fomos informados que eram para orientar a volta da alma das crianças.

FOTO 3: Na periferia da Cidade do México famílias que perderam crianças aguardam seus mortos em vigília com fogueiras acesas para os mortos encontrarem o caminho e sobre a mesa as guloseimas preferidas da criança – Dia dos Mortos 2014, Cidade do México



Foto: Ricardo Frugoli.

Preparam as comidas preferidas dos mortos homenageados, pois acreditam que essa é a única data em que os mortos vêm visitar os vivos e reencontrar amigos e familiares. Por isso as casas se preparam para recebê-los – além das comidas e bebidas preferidas montam as chamadas ‘oferendas’, que são espaços decorados com flores, santos, retratos, objetos favoritos e tudo que possa agradar e homenagear os mortos.

A cidade também se enfeita. As ruas são decoradas com flores, bandeirolas coloridas. Por toda parte as vitrines são enfeitadas com reproduções da Catrina, caveiras coloridas, esqueletos em situações lúdicas, pães em forma de ossos.

A prefeitura faz decorações na praça principal. No ano de 2014 foram montadas enormes caveiras decoradas por artistas locais para homenagear seus mortos famosos. Havia, também, vários esqueletos formando uma espécie de grupo musical. Na praça circulavam muitas pessoas – adultos e crianças fantasiadas e maquiadas como esqueletos, Catrina, fantasmas e outros temas relacionados à morte.

Na cidade havia também espaços decorados com grandes túmulos floridos que eram apreciados e fotografados por uma multidão de moradores e turistas que transitam pelas ruas nesse dia. A prefeitura promove um concurso para eleger as melhores oferendas. Essas oferendas são montadas ao longo de uma rua no centro da cidade e são trabalhos muito elaborados com pinturas, flores e objetos numa decoração que tem relação com algum tema relevante.

Visitamos cemitérios da periferia que apresentavam ricas oferendas na entrada e uma grande animação por entre os túmulos. As pessoas enfeitam os túmulos de seus mortos, levam cadeiras e formam grupos que comem, bebem, cantam e passam a noite em sua companhia.

Salientar a importância da alimentação como oportunidade de reunião e comensalidade, a comida representando algo mais do que suprir necessidades básicas de alimentação, caracterizando a maneira de ser e de se apresentar de um grupo, no caso aqui focalizado, a comensalidade das famílias durante a noite da comemoração do dia dos mortos. Como diz Boutaud (2011), a respeito do papel dos alimentos, tanto nas festas como nos rituais, os alimentos servem de mediação entre as pessoas e o divino, o sagrado, propiciando também momentos de encontro e troca entre os membros participantes.

A comensalidade das famílias durante a noite da comemoração do dia dos mortos, evidencia toda a força social e agregadora da hospitalidade na sua dimensão “comensalidade”. O que é essencial e fundamental na comensalidade é o fato de ser, antes de tudo, um ambiente de partilha. Através dela as pessoas se encontram e fortalecem os vínculos que as unem, numa capacidade de interagir,

relaxar e se divertir. Boutaud (2011, p. 1213) se arrisca a dizer que a comensalidade “é uma das formas mais reconhecidas da hospitalidade em qualquer época e em qualquer cultura”. Maffesoli (1984) também testemunha o valor da comensalidade, afirmando que a mesa tem o papel de promover a comunicação e indicando os rituais que envolvem o ato de comer como padrões de ritualização cultural.

A comensalidade, por sua função ritual e simbólica, permite aos participantes a possibilidade de viver uma experiência de compartilhamento festivo e de afirmar sua identidade coletiva. Boutaud (2011) sintetiza da seguinte maneira o valor social da comensalidade:

O peso simbólico da comensalidade como construção social e identitária nos levou a reconhecer todo seu poder de encantamento, de fascinação, de arrebatamento: pela magia do ambiente, pela embriaguez do reencontro, pela catarse da linguagem ou do discurso. Tudo confere à comensalidade seu ritmo, sua energia. (BOUTAUD, 2011, p. 1221).

Assim, diz ele, ao sair do ordinário, a comensalidade confere brilho à mesa e proporciona aos participantes momentos especiais, que dão sentido à vida. É justamente essa força social agregadora que se observa na tradição das famílias durante a noite da comemoração do dia dos mortos, onde se encontram no tumulto de seus familiares ou amigos, túmulos que se tornam suas mesas, e passam ali, compartilhando normalmente os pratos que o falecido apreciava em vida, sobre os túmulos pequenas cozinhas improvisadas para manter a comida quente durante toda a noite. Além de comer juntos, cantam e rezam.

FOTO 4: Homenagem ao Dia dos Mortos 2014 em cemitério na periferia da Cidade do México



Foto: Ricardo Frugoli.

Nas ruas dessa periferia a animação era grande, com música, alegorias, barracas vendendo doces, salgados e bebidas. No dia 30 as homenagens são para as almas das crianças e para elas são colocadas as já referidas fogueiras com o objetivo de guiá-las. Além de comer juntos nas comemorações promovidas neste dia, nos dias que antecedem o Dia dos Mortos todas as produções de pães passa a se dedicar a esta festa produzindo o “pan de muertos”, que não pode faltar em nenhuma oferenda.

FOTO 5: Cartaz do “pan de muertos”, Cidade do México



Foto: Ricardo Frugoli.

FOTO 6: “Pan de muertos” produzido para as festividades do Dia dos Mortos 2014, Cidade do México



Foto: Ricardo Frugoli.

A cidade se movimenta entre esqueletos coloridos, flores, caveiras, fogos de artifício, músicas animadas, casas enfeitadas e reina a alegria. Paz (1984, p.56) diz:

“nos divertimos com canções e anedotas em que a morte pelada ri, mas toda essa familiaridade fanfarrona não nos dispensa da pergunta que todos fazemos: o que é a morte?”.

FOTO 7: Caveiras de chocolate e doces com decoração colorida – Dia dos Mortos 2014, Cidade do México



Foto: Ricardo Frugoli.

A cidade do México monta um grande espetáculo no Dia dos Mortos e essas comemorações ganham uma representação muito elaborada que anima os moradores e surpreende e encanta os turistas, o que faz lembrar Gastal (2005, p.20) quando diz que “produzir imaginários passou a fazer parte das necessidades básicas”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cultura é uma realidade que se constrói e se transforma de acordo com o movimento do mundo, e que nesse movimento da história inaugura novas formas de ser e de estar no mundo (VITULE, 2003, p. 17).

A UNESCO define patrimônio imaterial ou intangível “como o conjunto de manifestações culturais tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas emanadas de uma comunidade fundada na tradição”. A riqueza e a extraordinária variedade das manifestações culturais ganharam visibilidade graças ao movimento turístico, uma vez que viajar significa conhecer, entrar em contato com a riqueza, a variedade de formas, de expressões culturais, que podem ser compartilhadas no contexto em que são produzidas.

Canclini, (2008, p. XXXI) falando dos processos globalizadores que intensificam a interculturalidade moderna diz que “os fluxos e as interações que ocorrem nesses processos diminuíram as fronteiras e alfândegas, assim como a autonomia das tradições locais”. Dessa maneira vemos circular sentidos e valores e isso empresta uma nova força às tradições populares que encontram um novo vigor para as suas manifestações. A linguagem racional do nosso tempo ganha leveza e imaginação nas expressões lúdicas das festas populares e ganha também, pela interação social, maior compreensão de si mesmo e dos outros, pois práticas, valores, crenças ganham vida e adquirem sentido quando compartilhados.

Vitule (2003, p. 106) diz que “o mundo contemporâneo é o cenário de transformações substantivas que modificam a qualidade e a quantidade das relações sociais de forma rápida e intensa”. E o compartilhar da lógica interna dos grupos culturais dá sentido às suas práticas, pois relacionam as práticas culturais no contexto em que são produzidas e é importante lembrar que “é na interação social que o indivíduo compreende a si mesmo e aos outros” (VITULE, 2003, p. 31).

Para Pinheiro (2013, p.18) as “divisas do turismo poderão trazer recursos para a preservação do patrimônio histórico-cultural e, conseqüentemente, incremento da atividade turística, pois mediante condições materiais concretas, a cultura faz e se refaz”.

Nutrindo e incentivando as manifestações culturais enquanto dimensões da identidade coletiva pode-se contrapor a homogeneização da cultura de massa que representa a manipulação de padrões para o consumo. Kuper (1999, p.25) diz que “apenas as tradições culturais populares podem contrapor-se à corrupção da mídia de massa”.

Pode-se dizer que, a partir da valorização da cultura local, a expansão modernizadora não conseguiu apagar o folclore e nem as tradições culturais. Em alguns casos, principalmente graças ao turismo e aos meios de comunicação, essas tradições culturais se fortaleceram e ganharam legitimidade. E, levando em conta os processos interativos da modernidade, é possível pensar numa perspectiva positiva para a manutenção e para o fortalecimento dessas manifestações.

Podemos dizer que pertencemos a uma realidade ampla e complexa e, para Vitule (2003, p.95), isso significa “pensar que apesar de vivermos em uma cidade e

um país, nossas maneiras de agir, pensar e sentir são, cada vez mais, influenciadas por uma totalidade nova, mais abrangente, relativa a uma realidade que está sendo construída mundialmente”.

A emergência dessa intensa mobilidade coloca a diversidade cultural em contato dinâmico e plural diluindo fronteiras. Esse movimento, principalmente graças ao turismo, permite o relacionamento e a interação entre as diferentes culturas, ampliando o horizonte do homem contemporâneo, pois como diz Banducci & Barreto (2001, p.8) “a globalização não consiste na substituição de identidades, mas na articulação entre elas”.

Isso permite ao homem moderno ultrapassar sua linguagem racional para viver e festejar seu imaginário, pois como diz Paz (1984, p.190) “o homem contemporâneo racionalizou os mitos, mas não pode destruí-los. Muito das nossas verdades científicas assim como a maior parte de nossas concepções morais, políticas e filosóficas são apenas novas expressões de tendências que antes encarnaram em formas míticas”.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDUCCI JR, Álvaro; BARRETO, Margaritta. **Turismo e Identidade Local: Uma Visão Antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.

BOUTAUD, Jean Jacques. Compartilhar a Mesa. In: MONTANDON, Alain. **O Livro da Hospitalidade: Acolhida do Estrangeiro na História e nas Culturas**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

BERNIE-BROSSARD, Catherine. (2011) A Cidade em Festas: Símbolos de Identidade, Lugar de Resistências. In: **A Cidade e a Festa**. Presidente Prudente, Revista Cidades, Grupos e Estudos Urbanos, vol. 8, n. 13, ISSN 1679-3625.

BUENO, Marielys Siqueira. (2006) **Festa: Dom do Espaço**. São Paulo; Revista Hospitalidade, ano III, n. 2 – 2. Semestre. Ed Anhembi-Morumbi.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2008.

CAVENAGHI, Airton; BUENO, Marielys Siqueira; CORREA, René Nascimento. (2012). **Festa e Turismo: Por uma Relação Possível**. Caxias do Sul, Turismo e Hospitalidade, vol.4, n. 4.

CLAVAL, Paul. (2011) **A Festa e a Cidade**. In: Revista Cidades, Presidente Prudente, Grupos e Estudos Urbanos, GEU, vol.8, n. 13, ISSN 1679-3625.

FERRARA, L'Aléssio Ferrara. O Turismo dos Deslocamentos Virtuais. (1996). In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo, Hucitec.

FLORENCIO, Sergio. **Os mexicanos**. São Paulo; Editora Contexto, 2014.

HERSKOVITS, Melville J. Man and his works. In: **Antropologia Cultural: Tomo I**. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

KUPER, Adam. **Cultura: A Visão dos Antropólogos**. Bauru: EDUSC, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os "Usos Culturais" da Cultura. Contribuição para uma Abordagem Crítica das Práticas e Políticas Culturais In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Turismo, Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MENEZES, Paula Dutra Leão de. **A (Re)invenção do Cotidiano: A Transformação de Festas Populares em Evento Turístico**. (2011). Santa Catarina: Cultur, ano 06, n.01. Disponível em: <www.uesc.br/revistas/culturaeturismo>.

MOREL, Joaquín Bosque. (1996) O Patrimônio da Humanidade. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; Cruz, Rita de Cássia Ariza da (Orgs.). **Turismo, Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec.

PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília (Orgs). **Turismo de Experiência**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

PAZ, Octávio. **O Labirinto da Solidão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PINHEIRO, Mirian Teresinha. Valorização do Patrimônio Histórico-cultural: Uma Perspectiva Sustentável para o Desenvolvimento Turístico. In: RUSCHMANN, Doris Van Meene; TOMELIN, Carlos Albero (Orgs). **Turismo, Ensino e Práticas Interdisciplinares**. São Paulo, Manole, 2013.

SANTOS, Ágatha Alexandre. Construção Social da Pessoa no Turismo: Um Estudo de Caso. In: BANDUCCI JR., Álvaro; BARRETTO, Margarita (Orgs). **Turismo e Identidade Local: Uma Visão Antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.

VILLADARY, Agnès. **Fête et vie quotidienne**. Paris: Les Éditions Ouvrières, 1968.

VITULE, Maria Luiza. **Guia de Viagem, Cultura e Mundo Contemporâneo**. São Paulo: Unimarco Editora, 2003.